

Os incríveis anos sem Copa

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História/UFF/Campos
Professor dos Programas de Mestrado em Direitos Humanos da
UFRJ e de Políticas Públicas
e Desenvolvimento Regional da UFF
Pesquisador do IHBAJA

Resenha:

SANDER, Roberto. Anos 40. Viagem à década sem Copa. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

O livro “Viagem à década sem Copa” do jornalista carioca Roberto Sander é daqueles típicos trabalhos que poderíamos chamar de despretensioso: texto de estilo leve – ou seja, jornalístico, recheado de citações documentais, mas sem grandes discussões conceituais e enfoques sobre conjuntura e contexto referentes aos temas e fatos destacados.

E o texto de Sander padece disso mesmo. Mas ele é muito mais, dentro do que se propoe. O próprio fato de eleger como tema de sua curiosidade o que se passou na década de 1940, os anos sem Copa do Mundo, já é por si só interessante. Muito pouco se tem disponível em termos de estudos sobre esse período, extremamente rico, não só em termos nacionais, como na literatura internacional. Foi a época de ouro do futebol argentino, uma infinidade de craques platinos surgiram nessa época. Foi nesses anos que surgiram alguns das melhores equipes de todos os tempos, como o Torino, River Plate, São Paulo, Vasco da Gama, Racing, River Plate etc.

Atendo-se ao cenário brasileiro o autor observa que foi nessa mesma época que uma série de acontecimentos tiveram lugar, acontecimento que marcariam por décadas o desenvolvimento do esporte no país. Caso da notável rivalidade envolvendo brasileiros, uruguaios e – principalmente – argentinos. Com a eclosão da II Guerra e a interrupção da marinha comercial da época – principal meio de transporte que ligava a América do Sul à Europa e América do Norte – restou aos clubes e silecionados dos países da região

do Cone Sul americano intensificarem o intercâmbio entre eles, seja na forma de venda e compra de jogadores como promover a realização de amistosos e pequenos campeonatos. E foi fundamentalmente no contexto de tais disputas que a rivalidade ganhou uma intensidade nunca antes vista. As pelepas não se tornaram apenas mais duras e intensas, em certos momentos elas ganharam em ferocidade. Seria a época das batalhas campais, das homéricas brigas envolvendo jogadores, policiais e até torcedores. De sangue, suor e lágrimas seriam coroadas algumas versões dos campeonatos como Copa Rio Branco, Copa Roca e Campeonato Sul-americano. Muitas partidas nem chegaram a terminar. Pior: algumas se estenderam até demais, sendo finalizadas no âmbito de algumas delegacias.

Sander lembra também que foi nesse momento que o profissionalismo – implementado oficialmente em 1933 – começou a sair do papel; já era possível ver jogadores assinando contratos “milionários” (claro, para os padrões da época), foi nessa época que alguns deles, os craques, passaram a ser disputados à tapa pelos dirigentes de então; foi o início dos grandes “leilões”.

Consolidou-se também o papel do rádio como principal instrumento de difusão e popularização do futebol, como o grande esporte nacional. E popularização esta, nota muito rapidamente o autor, que contou com o importantíssimo apoio – melhor seria dizer, intervenção – do governo ditatorial de Getúlio Vargas, via ministério da Educação.

Numa época sem campeonatos nacionais, o autor destaca que o principal campeonato, fora os estaduais, envolvendo os times de Rio de Janeiro e São Paulo - os maiores centros do país - seria justamente o Rio-São Paulo. Em segundo plano vinha o campeonato de seleções estaduais - de longe, destaque-se - hegemônico pelas seleções carioca¹ e paulista.

Em meio a tanta mudança, Roberto Sander destaca alguns aspectos tidos antes como intrínsecos ao processo de desenvolvimento do futebol no país, mas que se encontram quase que extintos nos tempos atuais. Tal é o exemplo da centralidade que tinha a várzea no tocante à formação de jogadores para os clubes. Os jogadores surgiam às pencas dos capinhos do subúrbio. Dali surgiram Leônidas, Zizinho, Garrincha e Pelé –

¹ A Seleção Carioca representava a cidade do Rio de Janeiro e não o antigo estado do Rio, este a cargo da Seleção Fluminense.

este, filhos desses “incríveis anos 40”, como não deixa de apontar o fascinado autor. Algo que o agigantamento ilimitado do mercado imobiliário acabou contribuindo para solapar.

Mas a melhor parte do livro é sem dúvida aquela dedicada a enorme rivalidade dos brasileiros com o futebol platino, em especial os argentinos. O texto de Sander mesmo se concentrando em algumas partidas memoráveis envolvendo seleções e alguns times, nos oferece detalhes fascinantes, como a do incrível complexo de inferioridade que os brasileiros cultivavam em relação aos vizinhos argentinos. E o que não era sem fundamento: vide as sonoras e costumeiras goleadas que o selecionado sofria para os albiblancos. Uma delas, de 5x1, deu-se em pleno campo de São Januário. O massacre se estendia aos times. O autor destaca os 7x0 sofrido pelo Flamengo ante o Newell's Old Boys, numa excursão a Argentina em 1941. Nesta mesma excursão, o Fluminense estrearia de forma mais honrosa: perderia apenas por 4x1 para o Independiente!

Face a estes insucessos, a imprensa brasileira se desesperava: “É preciso ser cego, apaixonadíssimo ou nada entender do assunto para não ver que, presentemente, não estamos em condições de vencer, em pugnas de futebol, não só os argentinos mas qualquer outro de nossos vizinhos na América do Sul”. (p. 41)

Diante de tal contexto de incrível superioridade dos platinos, Sander arrisca o palpite de que eles provavelmente venceriam as Copas de 42 e 46, caso houvesse ocorrido. E poderiam muito bem ter vencido a Copa de 50 se tivessem comparecido – o que não aconteceu devido a uma punição da Fifa.

É a parte em que o autor se arrisca a explicar as razões de tal domínio: “A influência européia – trazida por jogadores operários, que trabalhavam em frigoríficos e tecelagens – deu aos argentinos uma noção maior de futebol compactado, integrado e coletivo. Em síntese, um futebol de mais marcação e, portanto, mais solidário e competitivo” (p. 27).

E os brasileiros sofreriam por anos para fazer frente aos platinos. Não foram poucas as partidas que os jogadores brasileiros já começavam as partidas se sentindo derrotados – essa era uma acusação muito presente na imprensa esportiva da época. Como que consequência de tal estado de espírito, o número de vitórias foram bem menores que o

de derrotas. E as poucas vitórias eram comemoradas com uma intensidade sem igual pelos brasileiros, algo que não ocorria do outro lado, nas várias deles.

A disputa descambariam para a pura briga física, elas não foram incomuns. O autor sugere – o que não pode ser devidamente comprovado até os dias de hoje – que mais do que uma Copa do Mundo, o grande objetivo do futebol brasileiro seria fazer desaparecer o grande fosso que nos separava dos argentinos em termos de futebol.

Rivalidade tão encandescente, que os brasileiros em finais da década de 1948, acabaram deixando de lado o interesse pelos uruguaios. Daí que o autor flagre José Lins do Rego tecendo as seguintes impressões em sua coluna no *Jornal dos Sports* a respeito da seleção do Uruguai, prestes a decidir com o Brasil a Copa Rio Branco, em abril de 1948:

A seleção oriental não é quadro para meter cedo. (...) Porque a decadência do futebol uruguaio salta os olhos de todo modo. Lá se vive do passado, das glórias dos olímpicos. (...) Hoje em dia o football da azul-Celeste é mais coisa do passado, imagem de um álbum de família.

Aquele fim de tarde de 16 de julho de 1950, para desgraça dos brasileiros, cobraria o preço de tal displicência.

Cabe destacar o que parece ser a grande deficiência do livro: ele acaba consagrando uma visão bem parcial sobre o futebol brasileiro, se atendo quase que única e exclusivamente ao eixo Rio-São Paulo. Apenas 4 páginas sobre os campeonatos em outros estados que não o DF e SP. Mas tal lacuna é mais fruto do caráter do trabalho, bem desprentencioso, mais preocupado em fornecer um panoram geral. Mas tal característica não faz do trabalho algo dispensável. Muito pelo contrário: um belo ponto de partida para quem se dedicasse a investigar com mais profundidade esses incríveis anos 40 - para o futebol e qualquer outro assunto.